

A EDUCAÇÃO NA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU

Francely Aparecida Santos¹

Resumo

O presente estudo pretende refletir sobre a influência do pensamento de Pierre Bourdieu no que se refere à educação na sociologia da educação do autor em pauta; a tentativa é de um entrecruzamento das ideias de um representante clássico da teoria social, baseado em leituras, estudos e análises de textos básicos. Foi igualmente necessário e importante realizar a leitura de outros variados artigos sobre esse grande sociólogo. Esse trabalho traçará o seguinte percurso: primeiro, descreveremos um pouco sobre a biografia de Pierre Bourdieu; depois, abordaremos os pensamentos dele sobre a Sociologia da Educação e sobre a Educação e, por fim, faremos uma relação desse trabalho com os valores e conhecimentos transmitidos aos alunos

¹ Professora mestre e efetiva por concurso público da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES / Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais - DMTE. Doutoranda em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Bolsista da FAPEMIG. francelyas@hotmail.com

através da família e da escola, como âncora para formação humana.

Palavras-chave: Sociologia da Educação, família, escola, educação e capital intelectual.

Pierre Bourdieu nasceu em 1930 na região do Bèarn, na França, e faleceu em 2002, também em seu país de origem. Em seus 72 anos de vida, foi um homem estudioso, pesquisador e defensor das causas humanas. Estudou como aluno interno, dependente de bolsa, porque seus pais não tinham condição financeira para bancar os estudos. Isso fez com Bourdieu aproveitasse ao máximo, tanto dos estudos como das condições eficientes do sistema público francês, que, naquele tempo, estava se consolidando ao longo da III República (1870 – 1940).

Bourdieu era filho de um modesto funcionário dos Correios e na maioria do tempo que destinou aos estudos foi como aluno interno. Estudou no Liceu de Pau, em sua cidade de origem; em Paris, estudou no Liceu Louis-le-grand, na Faculdade de Letras de Paris e na prestigiosa École Normale Supérieure.

Aos 25 anos, terminou os estudos na ENS e iniciou a carreira docente na área da Filosofia no Liceu de Moulins. O serviço militar foi prestado na Argélia, e mesmo depois de ter terminado, ainda ficou por mais dois anos lá, e ministrou aulas como professor assistente na Faculdade de Letras de Argel (1958 – 1960).

Depois que retornou à França foi professor na Faculdade de Lille (1961 – 1964), diretor de estudos da École des

Hautes Études em Sciences Sociales, tornando-se diretor do Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture, em Paris. Em 1975, fundou a revista *Actes de La Recherche en Sciences Sociales* e, em 1981, tornou-se professor titular da Cadeira de Sociologia do Collège de France, após ter competido com Raymond Boudon e Allain Touraine (CATANI, 2002).

Nessa trajetória marcada por muitas lutas para conquistar espaços no trabalho docente universitário, Bourdieu nunca esqueceu de suas raízes e sempre reiterou, segundo os estudiosos de sua obra, de forma até obsessiva, o desenraizamento de um universo familiar desprivilegiado econômica e socialmente falando, para o patamar da familiarização com um universo estrangeiro, nos postos que ocupava. Apesar de todas as conquistas, pesquisas, estudos, problematizações, o enorme alcance nacional e internacional de suas obras e dos inúmeros seguidores de suas ideias, ele ainda se sentia um “estranho no ninho”, dentro da elite intelectual francesa.

Ele foi autor de uma considerável quantidade de obras, entre centenas de artigos publicados em periódicos acadêmicos, mais de 18 livros, e foi como professor na Argélia, em pleno período de guerra, que ele analisa as situações sociais humanas por meio do sistema da agricultura desse país. Lá ele tem uma produção mais intensa, e desenvolve um dos conceitos-chave de sua teoria, o *habitus*. Segundo Vasconcelos (2002), em várias conferências ou textos, Bourdieu considera que ele se tornou um verdadeiro sociólogo e etnólogo pela experiência que passou na Argélia. Em sua última aula no Colégio de França, ele evocou fatos e ideias que nasceram na época em trabalhou lá, e que muito marcaram sua teoria.

Em sua trajetória de vida, não se pode deixar de considerar um dos grandes parceiros de trabalho, que foi Jean-Claude Passeron, ambos eram filósofos e se tornaram sociólogos como alunos de Raymond Aron (CATANI, 2002).

Para Valle (2007), Bourdieu foi um sociólogo polêmico, cuja obra suscitou distintas apropriações. Apesar de seu desejo de construir um fio condutor, ele se torna uma figura emblemática na luta contra o neoliberalismo, e por tecer críticas profundas aos intelectuais de toda área, chamando-os a observar a verdadeira função que ocupa na sociedade. Sendo ele considerado uns dos principais cientistas do mundo e sendo ainda uma figura carismática, torna-se objeto de uma verdadeira adoração por parte de pesquisadores e estudantes das Ciências Humanas.

Segundo Lahire (2002), Bourdieu deixou como legado intelectual um verdadeiro tesouro sociológico, pois seu trabalho reflete as fronteiras que separam o campo da psicologia do campo da sociologia, a esfera mental da esfera social, o indivíduo do coletivo; era um pedagogo extraordinário que, além de aportar um saber teórico que insistia na importância da relação prática com a teoria e de não acatar a ideia dos sociólogos que não aceitam “sujar as mãos na cozinha da empiria”, ele nos ensinou o modo de aplicação do que estava dizendo a todos nós.

Conforme Valle (2007), ele fez um apelo à mobilização das mais sofisticadas ferramentas teóricas, visando apreender os objetos concretos ou socialmente considerados como menores, além de evocar permanentemente uma ascese do trabalho científico e exigir seriedade e rigor na construção do objeto de pesquisa.

No Brasil, sua obra sofreu apropriações na área da educação, assim como em todo o mundo; aqui ele ganhou importância, quando foi levada para dentro das escolas a discussão sobre as questões de reprodução *versus* transformação. Catani (2002) afirma que, embora se possa dizer que, durante anos, a leitura de Bourdieu no Brasil se concentrou em *A Reprodução*, livro de sua autoria junto com seu parceiro Jean-Claude Passeron, convém lembrar que, a partir de meados da década de 80, os estudos que nele se apóiam e dele se apropriam passam a revelar maior familiaridade com sua obra, incorporando outros títulos e contribuições do sociólogo e de seu grupo de trabalho.

Para Catani (2002), o entendimento das formas de apropriações dos ideários do autor no campo educacional brasileiro, deverá ser feito, como já existem vários desses estudos, por meio do levantamento e análise sistemáticos e rigorosos de livros, artigos, teses de doutorado, dissertações de mestrado nos quais existam referências ao autor, incorporação de seus conceitos ou assimilação de sua metodologia de trabalho.

Catani (2002) ainda continua a nos dizer que o campo educacional brasileiro adotou a teoria do sociólogo, com o objetivo de resolver problemas, acompanhada de uma ansiedade prescritiva, em vez de, em primeira mão, compreender as especificidades do funcionamento do espaço em que a educação se concretiza e no qual se disputa o direito de impor o discurso legítimo da mesma, pois existem diferenças entre os problemas educacionais e os problemas sociológicos da educação. Assim é preciso questionar se essa marca da apropriação das ideias de Bourdieu entre os brasileiros não possui, ainda que de formas variadas, um dos traços principais da produção educacional brasileira,

e nos levando a questionar sobre os rumos tomados por essa produção, dentro da Sociologia, como também no campo da História, da Psicologia, e ainda aos estudos relacionados à investigação do trabalho prático do ensino.

Esse questionamento nos impediria de fazer “uma salada de frutas” de apropriações dos mais variados ideários, sem uma análise atenciosa e organizada da realidade e do que se pretende com essa realidade, ou seja, quais transformações se desejam alcançar, e por isso Bourdieu utiliza outro conceito-chave para substituir a noção de sociedade, que é o conceito “campo”. Assim, ele introduz a ideia de que uma sociedade diferenciada não se encontra plenamente integrada por funções sistêmicas; mas, ao contrário, como nos diz Catani (2002), é constituída por um conjunto de microcosmos sociais dotados de autonomia relativa, com lógicas e necessidades próprias, específicas, com interesses e disputas irredutíveis ao funcionamento de outros campos.

Sob essa perspectiva, percebe-se que Bourdieu entende a educação e o sistema de ensino como propriedade, como campo intelectuais e, por isso mesmo, os trata como objetos de pesquisa, abrindo horizontes para outras abordagens científicas tanto na visão geral da sociedade, como dentro da educação, nas mais variadas áreas científicas: Psicologia, Antropologia, Etnologia, Literatura, Economia, e outras mais que fizeram parte de suas reflexões.

Para Catani e Pereira (2001), pela Sociologia praticada por Bourdieu e sua equipe de pesquisadores, a educação não é um objeto como qualquer outro, mas se constitui em temática central pelo exame da qual são revelados não somente os mecanismos do conhecimento social, ou seja,

as formas que fazem com que os agentes se reconheçam e conheçam suas instituições e sistemas de instituições, seus métodos e produções simbólicas, senão que também os mecanismos de poder.

A Sociologia da Educação, escreve o autor, “configura seu objeto particular quando se constitui como ciências das relações entre a reprodução cultural e a reprodução social, ou seja, no momento em que se esforça por estabelecer a contribuição que o sistema de ensino oferece com vistas à reprodução da estrutura das relações de força e das relações entre as classes” (BOURDIEU, 1987a, p.295). A palavra contribuição é essencial para apreender o espírito da sociologia da educação praticada por Bourdieu. Nela, a questão a ser pesquisada é sempre a contribuição que os sistemas de ensino oferecem e as formas específicas pela qual se reveste essa contribuição para a reprodução da estrutura das relações e simultaneamente de forças simbólicas, entre os agentes sociais.

Sendo Bourdieu, suas produções e pensamentos despertavam e ainda despertam nos leitores e nos seguidores sentimentos intensos, não deixando que ninguém que passe por sua obra fique indiferente às suas ideias e causas que defendia. Era e ainda é, mesmo depois de sua morte, um intelectual que “mexe” com seus leitores, abala as estruturas pessoais e sociais, ao realizar as leituras e análises de seus questionamentos.

Valle (2007) nos aponta que, tendo ele um caráter inovador e multidisciplinar, seus pensamentos têm influenciado estudos de todas as áreas do conhecimento, e suas obras constituem um esforço excepcional para oferecer à análise do mundo social um quadro teórico coerente, de interesse

e de alcance comparável aos trabalhos de pensadores contemporâneos, que desenvolveram concepções muito diferentes e pertinentes; embora, em alguns casos, os conceitos desenvolvidos por ele sejam aplicados de forma indiscriminada na educação.

Por outro lado, essa aplicação nem sempre obedece ao desejo do próprio Bourdieu de ver respeitada uma homologia entre os diferentes objetos sobre os quais se aplica sua teoria, como os que ele aplica aos estudos dos intelectuais que fazem parte de seus objetos de pesquisa (MICELI, 2001). E, embora ele não seja um sociólogo da educação, apresenta um forte pensamento sobre o processo educacional, que não se reduz a uma aplicação mecânica de conceitos isolados.

Segundo Brito (2002), os pesquisadores em educação no Brasil teriam muito a ganhar se buscassem perceber a extensão e a complexidade da obra de Pierre Bourdieu, seu constante trabalho de reflexão para compreender a sociedade em que vivia, assim como a necessidade de não separar visão objetiva e visão subjetiva da realidade, presente nos trabalhos atuais dos que efetuaram uma crítica respeitosa à sua obra.

E as raízes do pensamento de Bourdieu podem ser encontradas numa dolorosa, mas rica e diversificada experiência existencial, reconhecida pelo próprio autor, como afirma Valle (2007). O distanciamento em relação ao mundo intelectual e o fato de ser constantemente lembrado de seu estrangeirismo lhe permitiram ver o que os outros não veem e o incitaram a sentir o que os outros não sentem: os códigos implícitos, as rotinas, os fundamentos que governam o mundo das ideias e orientam as práticas cotidianas.

Na visão de Pinto (2003), Bourdieu expõe uma maneira de sair da via ortodoxa universitária e intelectual e propõe uma nova relação com a cultura, com a filosofia, portadoras de autoridade, mas também de censura intelectual, e ele assume um discurso sobre si, respondendo a três exigências, que considera básicas para o entendimento de suas ideias, lembrando que o que ele aplica à sociedade também aponta como necessidade de aplicação á si mesmo, em sua vida, pela virtude do exemplo, que são a ética, a socioanalítica e uma política-intelectual; todas essas questões fazem parte de suas pesquisas e discussões intelectuais, como uma tomada de consciência.

Pinto (2003) ainda considera que a tomada de consciência em relação ao papel do reprodutor do sistema escolar é muito recente. A tradição libertária do movimento operário, em sua vertente marxista, conserva uma grande veneração pela educação e pela cultura, que é considerada por Bourdieu como legítima, mas que, em alguns casos, podem fazer esquecer que a ciência e a arte são universais, mas que existem pessoas, grupos ou classes, que infelizmente têm o monopólio do universal.

Dessa forma, a obra de Bourdieu se torna um instrumento fundamental para o desenvolvimento de uma sociologia da educação crítica, capaz de romper com o otimismo pedagógico e analisar adequadamente as utilizações devidas da referida obra.

Bourdieu percebe a escola como um sistema construído para identificar e reificar a inteligência, valorizar o dom e a vocação: inteligentes, dotados e vocacionados têm acesso à ciência e à cultura e serão bem-sucedidos na escola e fora dela; os demais devem se acomodar nas habilitações

sem prestígio, ocupar funções inferiores e contentar-se com posições subalternas, adequadas aos que não conseguiram “vencer na escola e na vida”.

Então, Valle (2007) continua indicando que Bourdieu, nesse aspecto, lembra à escola e à família que é preciso e necessário obter títulos escolares para não ficar desempregado ou para preencher cargos de maior prestígio e melhor remuneração, não como justificativa da ordem estabelecida, mas como exemplo de sua própria vida, uma forma de lutar contra as desigualdades sociais, pois a escola ainda continua, principalmente em regiões pouco desenvolvidas ou menos industrializadas, a ser a principal forma de acessar o mercado de trabalho.

Mesmo que esse sistema escolar produza, em alguns casos, profundos sentimentos de tristeza e infelicidade, porque não se obteve da escola aquilo que se esperava; ou se o sucesso obtido na escola não chegar até o campo do trabalho, então esse sentimento de decepção passa ao mercado de trabalho. Alguns obtêm o sucesso e outros fracassam na escola, ou no trabalho e a responsabilidade é unicamente atribuída ao próprio sujeito, e ao percurso escolar que percorreu.

Isso representa, na opinião de Valle (2007), que a escola está revestida de uma aparência meritocrática, totalmente dissimulada pela ação pedagógica, pela autoridade pedagógica, pelo trabalho pedagógico e pelo sistema de ensino, geradores, portanto, da violência simbólica, que é mostrado por Bourdieu ao demonstrar como se dá a adesão dos agentes sociais à ordem estabelecida e como o sistema está implicado nessa adesão, nessa cumplicidade impensada, pré-reflexiva, incorporada pelas formas de

sem prestígio, ocupar funções inferiores e contentar-se com posições subalternas, adequadas aos que não conseguiram “vencer na escola e na vida”.

Então, Valle (2007) continua indicando que Bourdieu, nesse aspecto, lembra à escola e à família que é preciso e necessário obter títulos escolares para não ficar desempregado ou para preencher cargos de maior prestígio e melhor remuneração, não como justificativa da ordem estabelecida, mas como exemplo de sua própria vida, uma forma de lutar contra as desigualdades sociais, pois a escola ainda continua, principalmente em regiões pouco desenvolvidas ou menos industrializadas, a ser a principal forma de acessar o mercado de trabalho.

Mesmo que esse sistema escolar produza, em alguns casos, profundos sentimentos de tristeza e infelicidade, porque não se obteve da escola aquilo que se esperava; ou se o sucesso obtido na escola não chegar até o campo do trabalho, então esse sentimento de decepção passa ao mercado de trabalho. Alguns obtêm o sucesso e outros fracassam na escola, ou no trabalho e a responsabilidade é unicamente atribuída ao próprio sujeito, e ao percurso escolar que percorreu.

Isso representa, na opinião de Valle (2007), que a escola está revestida de uma aparência meritocrática, totalmente dissimulada pela ação pedagógica, pela autoridade pedagógica, pelo trabalho pedagógico e pelo sistema de ensino, geradores, portanto, da violência simbólica, que é mostrado por Bourdieu ao demonstrar como se dá a adesão dos agentes sociais à ordem estabelecida e como o sistema está implicado nessa adesão, nessa cumplicidade impensada, pré-reflexiva, incorporada pelas formas de

seleção e classificação sancionadas e reproduzidas pela escola, quando faz muito pouco e deixa o aluno pensar que toda a culpa pelo seu fracasso é totalmente e somente sua.

Essa mesma autora indica que, sendo assim, a função da sociologia, para Bourdieu, é contribuir para uma ação efetiva de emancipação, por meio do estudo das representações do mundo social e da elucidação do caráter arbitrário de certos esquemas de pensamento, difundidos e reproduzidos historicamente, e então o papel do sociólogo é divulgar o que está vendo, percebendo, constatando, pensando, comprovando pelos estudos, sem se deixarem levar pelas nocivas dicotomias de algumas pesquisas sociais, pois o pesquisador, o sociólogo, ou o filósofo não são profetas e nem mestres do pensamento. Portanto, eles devem escutar elaborar conteúdos e meios de ações, para poder colaborar com os órgãos que se dão por missão a resistência ao discurso neoliberal, devendo colocar à disposição de todos e numa linguagem que todos possam entender as difíceis aquisições da pesquisa, inclusive as produzidas pelos pesquisadores educacionais e pelo sistema educacional.

Sob todas essas questões pode-se afirmar que a sociologia toca, na maioria das vezes, em interesses vitais e, nesse sentido, revela os fundamentos ocultos da dominação sofrida por parte da sociedade que é integrada pela escola, porque, ao mesmo tempo em que ela reproduz, ela também resiste, embora tenha sido denunciada por Bourdieu como parte do conjunto de instituições que zelam pela estratificação social numa dada sociedade, são dados alguns passos significativos na elaboração de uma teoria do funcionamento e das funções sociais do sistema escolar.

E quando a escola já se reconhece como instrumento de

uma distribuição desigual, entre as classes sociais, de equipamento necessário à apropriação e consumo dos bens culturais, ela está no início do processo de resistência. Esse equipamento não pode ser renegado, e deve ser aceito pela escola, e deve ser entendido como a herança cultural, composta de "um capital de informações, de saberes, de usos linguísticos, mas também de atitudes e de posturas" (NOGUEIRA, 1989, p. 4).

A escola, ao ignorar desigualdades culturais entre crianças de diferentes classes sociais ao transmitir os conteúdos que opera, bem como seus métodos e técnicas e os critérios de avaliação que utiliza, favorece os mais favorecidos e desfavorece os menos desfavorecidos (PRADO JÚNIOR, 1980). Bourdieu explica que "em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura" (1998, p.53).

Nogueira e Nogueira (2002) afirmam que uma das teses centrais da Sociologia da Educação de Bourdieu é a de que os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares.

Nesse sentido, a escola não poderia ser vista como uma

instituição imparcial ou neutra, que seleciona os mais talentosos e a partir de critérios objetivos. O que ela representa e cobra dos alunos é praticamente o que é visto e vivido pela sociedade dominante: os gostos, as crenças, as posturas e os valores, que são de forma dissimuladas apresentados como cultura de todos, em todos os cantos do mundo, tendo um papel ativo no processo social de reprodução das desigualdades sociais.

No entanto, ao discutirmos, analisarmos, criticarmos ou propormos algumas ações de mudança e de transformações sociais, estamos criando um outro papel que o de resistência. Com isso, a perspectiva seria de quebrar o papel das desigualdades sociais, não as legitimando, mas apresentando cada uma delas como condição inicial de mudança, marcando o início, o meio e o fim, ou seja, como estávamos no passado, como estamos no presente e como desejamos estar no futuro.

Mas o processo não é assim tão fácil, pois, como afirma Bourdieu, nas palavras de Nogueira e Nogueira (2002), o capital intelectual dos sujeitos constitui o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar, por vários motivos.

Um deles se refere à posse do capital cultural, que para algumas crianças a escola somente dá continuidade ao que já é de seu costume; que diferentemente para outras, o que veem na escola não condiz com o que vivenciam em casa, dificultando o processo, já que a escola, no geral, se prepara para receber aqueles que já trazem esse capital intelectual.

As referências culturais e o domínio maior e legítimo da linguagem culta facilitam o aprendizado e funcionam como

ponte entre a escola, a família e a sociedade em geral. Já as crianças oriundas de meios culturais menos favorecidos veriam na escola essa mesma continuação, o que para elas seria como se algo estranho estivesse acontecendo, diferente e, até em alguns casos, uma visão ameaçadora para elas, pois se sentiriam "tão fora do ninho", quanto Bourdieu sempre declarou com relação a ele mesmo, e aos seus sentimentos, no processo que viveu na escola, e que nunca deixou de acompanhá-lo, embora tenha conseguido galgar altos postos no âmbito educacional e social. Resumindo a ideia, o que seria considerado para as classes dominantes, como cultura legítima e sistematizada, para os demais seria uma cultura "estrangeira".

A discussão sobre as questões abordadas por Bourdieu segue nessa mesma perspectiva problematizadora e politizada, quando ele aponta os valores como objeto de uma luta entre grupos sociais que ocupam posições diferentes em um grupo, em um espaço social hierarquizado, que são definidos pela visão de mundo, a partir da posição particular que o sujeito ocupa nesse espaço, com base nos fundamentos da moral desta visão, também relativo à posição ocupada, e atua para justificá-los. Mesmo que o sujeito se sinta um estrangeiro em locais variados, mas que sobreviva a isso, pode-se dizer que o percurso pode ser menos denso se esse sujeito, em seus locais de aprendizagem, ainda conseguirem vivenciar valores que possam acompanhá-los pela vida e que possam se tornar instrumentos de luta ética, socioanalítica e ainda politicamente intelectual.

Almeida (s.d.) afirma que os valores são os fundamentos da moral dos comportamentos e das atitudes dos seres humanos e esses mesmos valores organizam as interações

entre os próprios seres humanos e, por isso, “os valores podem, então se constituir em instrumentos de dominação e, assim, relações de pressão e de exploração podem ser disfarçados, passando a ser percebidos como princípios de distinção e de hierarquização naturais, isto é, inscritos naquilo que é percebido como a ordem natural das coisas”.

Os valores são construções sociais, porque são produzidos coletivamente por homens e mulheres de uma dada sociedade, num momento preciso do tempo, a partir das condições sociais em que estão imersos, e que podem ser comparados aos valores dominantes de um trabalho social intenso voltado para a produção de discursos sobre eles próprios, para que sirvam para sua própria difusão e para a produção da crença de que essas são as boas formas de classificação e de hierarquização.

Sobre essas questões Bourdieu aponta, de forma inédita para a época, que a escola e a família têm a mais alta estrutura e capacidades formais dentro do aspecto moral dentre todas as outras estruturas sociais. A escola, como afirma Bourdieu, é a mais importante matriz moral das sociedades que dispõem de um sistema unificado e de leis que impõem a escolarização obrigatória, ocupando um lugar similar ao da igreja na sociedade medieval. Ela é objeto de sérias lutas em torno da definição legítima dos bons valores, ocupando um lugar central nos processos de produção, resistência ou justificação das hierarquias sociais, distribuindo certificados que atestam o alto valor da pessoa que os possui e que diminuem, no mesmo movimento, o valor daqueles que não o detém.

Quanto a isso Almeida (s.d.) nos diz que essa obrigatoriedade faz com que todas as famílias sejam obrigadas a dividir com a escola uma parte importante da educação de seus filhos,

deixando-os expostos a esses conteúdos socializadores, com os quais elas nem sempre estavam de acordo, pois os efeitos são diferentes em cada aluno, dependendo de qual é a sua origem social, de qual capital cultural está carregando consigo.

Por essas análises e discussões é que podemos afirmar que o reconhecimento da força e do alcance da Sociologia da Educação de Bourdieu dentro do processo educacional aponta para a larga contribuição do entendimento e questionamento do cotidiano escolar, de um aspecto que está além do que possa parecer “natural” aos olhos de outros que ainda são leigos nessas análises; pois, apesar de arbitrário, o cotidiano e a cultura escolar seriam socialmente reconhecidos como a cultura legítima e universalmente válida; embora, na análise da sociologia e em especial da de Bourdieu, exista uma necessidade premente de problematizá-la, tendo ressaltado que a escola não é instituição neutra e, ainda assim, ela pode ser um instrumento de luta e de resistência.

A grande contribuição da Sociologia da Educação para a Educação baseada em Pierre Bourdieu foi o fornecimento de instrumentos para que o rompimento da ideologia do dom, da vocação e da moral pudesse ser “quebrada”, e percebida que ela não está carregada de méritos pessoais somente, mas muito mais de méritos que caminham pelo campo social, sendo impossível analisar as desigualdades sociais e escolares como diferenças naturais entre as pessoas; e ainda após todos esses anos, pode-se afirmar que Bourdieu continua vivo em nosso ideário social, como exemplo de lutas, e tudo que ele deixou continuará sempre a alimentar e a retroalimentar nossas esperanças, além de “acalorar” as discussões atuais sobre a Educação que a sua Sociologia da Educação deixou para nós.

Referências

ALMEIDA, Ana Maria F. **Valores e Luta Simbólica**. UNICAMP, (s.d.)

BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, Monique de. As categorias do juízo professoral. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis/RJ Vozes, 1998.

BRITO, Ângela Xavier de. Rei morto, rei posto. As lutas pela sucessão de Pierre Bourdieu no campo acadêmico francês. **Revista Brasileira de Educação**, jan-abr, n° 19. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil, 2002, p. 5-19.

CATANI, Afrânio Mendes. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leitura). **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n° 78, abril/2002.

_____. Pierre Boudieu: um estudo da noção de campo e de suas apropriações brasileiras nas produções educacionais. **Acta dos Ateliers do V Congresso Português de Sociologia**. Sociedade Contemporâneas: reflexividade e acção Ateliers: Educação e Aprendizagem, 2002.

_____; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, Gilson R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, maio-ago, n° 17. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil, 2001, p. 63-85.

LAHIRE, B. Pour une sociologie à l'état vif. In: _____. **Lê treball sociològic de Pierre Bourdieu: dettes et critiques**.

Paris: La Découverte, 1999, p. 5-20.

MICELI, Sérgio. Entenda a sua época: sociologia. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais!, 13 abr. 1997.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n° 78, abril/ 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. Uma sociologia da produção do mundo cultural e escolar. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação** (organização, introdução e nota de Maria Alice Nogueira e Afrânio Mendes Catani), 3 ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

_____. Apresentação ao artigo A escola e a cultura de Pierre Bourdieu. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, dez. 1989, n° 10, p. 3-4.

PINTO, L. Derrida, Foucault, Bourdieu. **Colloque International**: homenagem à Pierre Bourdieu. Paris, jan/2003 (mimeo).

PRADO JUNIOR, Bento. A educação depois de 1968, ou cem anos de ilusão. In: CHAUI, Marilena; TRAGTENBERG, M.; ROMANO, R.; PRADO JUNIOR, B. **Descaminho da educação pós 68**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 9-30.

SAVIANE, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1987.

VALLE, Ivone Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, jan-abr, 2007, v 33, n° 1, p. 117-134.